

A Dimensão de *Embeddedness* na Produção de Maça em São Joaquim – SC

Angelo Brião Zanela¹

Resumo:

O conceito de “*embeddedness*” ganhou notoriedade nas ciências sociais. A amplitude desse conceito deixou evidente que tanto o mecanismo de preços, quanto a interação social de atores individuais e coletivos são fundamentais a realização das trocas de natureza econômica. Nesta perspectiva, o presente artigo apresentou a dimensão do “*embeddedness*” na produção de maçã em São Joaquim-SC, concluindo que os impactos em âmbito territorial estão relacionados com a atividade econômica e os vínculos-sócio-culturais entre os participantes de toda a cadeia produtiva. Ou seja, a produção de maçã em São Joaquim – SC está submersa nas realizações em âmbito institucional, nos valores, características e sabor próprio do produto regionalmente ofertado. Valorizam-se assim, as características sociais desse mercado.

Palavras-Chave: Cadeia produtiva, *embeddedness*, maçã, São Joaquim-SC.

Classificação JEL: A14

Abstract:

The concept of "embeddedness" gained prominence in the social sciences. The breadth of this concept made clear that both the price mechanism and the social interaction of individual and collective actors are fundamental to the realization of economic exchanges. In this perspective, the present article presented the dimension of "embeddedness" in apple production in São Joaquim-SC, concluding that the impacts in the territorial scope are related to the economic activity and the socio-cultural links between the participants of the whole chain productive. In other words, apple production in São Joaquim - SC is submerged in the institutional achievements, in the values, characteristics and own flavor of the regionally offered product. The social characteristics of this market are thus valued..

Keywords: Apple, *embeddedness*, productive chain, São Joaquim-SC.

JEL Code: A14

1. Introdução

São Joaquim é uma cidade brasileira do Estado de Santa Catarina, situada no planalto serrano e com pouco mais de 26.000 habitantes – segundo dados do IBGE. Sua composição étnica é formada basicamente por descendentes de alemães, italianos, portugueses e japoneses. A atividade econômica do município esta direcionada basicamente ao cultivo de frutas, onde a maçã é o grande destaque. A cadeia produtiva é formada por grandes empresas integradas verticalmente e, em menor volume, por um grande número de pequenos produtores.

Entende-se que para analisar a dinâmica desse mercado é preciso levar em consideração a interação entre o comportamento dos agentes individuais e coletivos, a associação cognitiva do produto em relação ao município e um sistema de produção e comércio diferenciados. Estes fatores vão além do mecanismo de preços para realização da troca econômica, já que, os vínculos-sócio-culturais entre todos participantes da cadeia de produtiva, são capazes de explicar a evolução da principal atividade econômica do município e os resultados em âmbito territorial. Com o propósito de promover aderência entre as proposições teóricas sintetizadas nesse trabalho e a atividade econômica promovida pela cadeia produtiva da maçã em São Joaquim-SC, além dessa introdução, a seção (2) apresenta as origens conceituais de “*embeddedness*”. Nesse subitem, procura-se esclarecer como um conceito popularizado a partir dos pensamentos Karl Polanyi, e posteriormente redesenhado por Mark Granovetter, acabou promovendo grande repercussão nas ciências sociais. A seção (3), por sua vez, trata da amplitude do conceito de “*embeddedness*” e sua importância na área de geografia econômica. A seção (4) apresenta a sociologia dos mercados diante da produção de maçã no município de São Joaquim-SC. Enquanto a seção (5) apresenta as considerações finais, a seção (6) apresenta as referências e notas.

2. *Embeddedness*: Origens Conceituais

“*Embeddedness*” – que a partir de tradução livre pode ser definida sob alguns termos, entre eles: *imersão, enraizamento, incrustação, imbricação*² – é um conceito popularizado a partir dos pensamentos Karl Polanyi. Posteriormente, foi redesenhado por Mark Granovetter, com grande repercussão nas ciências sociais³ – economia, sociologia, antropologia e geografia econômica.

Para Swedberg e Granovetter (1992) e Barber, (1995), citados por Hess (2004, pg. 167), Polanyi pode ser considerado o pai do conceito de “*embeddedness*”. Durante a Segunda Guerra Mundial, o pensador austríaco de origem judia, escreveu sua obra com objetivo de tentar desvendar os princípios políticos e econômicos de uma época: “*A Grande Transformação (1944)*”. Havia no pensamento de Polanyi uma forte insatisfação com a idolatria superdimensionada atribuída ao mercado – *a absolutização do mercado* – e com a lógica da autorregulação a ele conferida. Para Polanyi (2000), em períodos pré-

capitalistas as *economias* estavam inseridas na sociedade e em seus fundamentos *sociais e culturais*. Em economias de mercados modernos as relações sociais e culturais é que foram inseridas no sistema econômico⁴. Nas palavras de Hess (2004, pg. 168), Polanyi acreditava que: “*ao contrário das sociedades anteriores, os elementos culturais e sociais se tornaram economizados e monetizados. Assim, o trabalho passa a ser considerado como uma mercadoria e o princípio do “homo economicus” prevalece e domina a sociedade moderna*”.

Em “*A Grande Transformação*”, Polanyi elucida que a Revolução Industrial, o comércio marítimo e o progresso, peculiares à Inglaterra do século XIX, afetaram a vida e o bem-estar daquela sociedade, o que por sua vez definiu o conceito de (*des*) *enraizamento*. Uma economia (*des*) enraizada no pensamento de Polanyi, além de não estar sujeita as regulamentações externas, tem no lucro o principal motivo da produção; subordinando o motivo de subsistência. Assim, a economia apresenta autonomias, “*a primeira pela inexistência de impedimentos e obstáculos exteriores, a segunda por lhe garantir certa primazia diante das outras esferas sociais*” (FLECK 2014, pg. 301).

Com efeito, segundo Polanyi (2000, pg. 57-58):

Antes que o processo tivesse ido suficientemente longe, os trabalhadores já se amontoavam em novos locais de desolação, as assim chamadas cidades industriais da Inglaterra; a gente do campo se desumanizava em habitantes de favelas; a família estava no caminho da perdição e grandes áreas do país desapareciam rapidamente sob os montes da escória e refugos vomitados pelos "moinhos satânicos". Escritores de todas as opiniões e partidos, conservadores e liberais, capitalistas e socialistas, referiam-se invariavelmente às condições sociais da Revolução Industrial como um verdadeiro abismo de degradação humana.

Fleck (2014, pg. 303) entende que a tese sustentada por Polanyi é a de que a formação social que surge neste período “*rompe com os modelos precedentes em que o intercâmbio econômico ou comercial está inserido, subordinado às regulamentações que regem a vida social*”. O autor (pg. 304) ainda destaca que: “*a esfera da economia ganha assim uma autonomia diante das demais esferas, de modo que se torna um mecanismo autômato que será designado por ele como “moinho satânico”*”.

Polanyi argumenta que, de forma singular, a sociedade acredita na força de um mercado autorregulado. Nessa perspectiva, cria-se um cenário de utopias que, levado a cabo, acaba por desarranjar o tecido social. Tratando de tais práticas inerentes às economias de mercados autorregulados⁵, Polanyi acredita no dismantelamento de redes socialmente estabelecidas, as quais são responsáveis pelas garantias de subsistência e bem-estar dos grupos que as compõem.

Através do pensamento de autores antropólogos, Polanyi relata a existência de organizações sociais que dispensam a ação do mercado para realização da troca entre produtos. Diante disso, “*ele adota uma forma de abordagem institucionalista que busca descrever as sociedades analisadas por meio do exame da interação de suas instituições políticas, econômicas, sociais e culturais*” (FLECK, 2014, pg. 300). Vale lembrar que Polanyi apresenta explicações das trocas em sociedades arcaicas e primitivas

muito mais com o intuito de oferecer contrapontos que mostrem a singularidade da organização social que lhe era contemporânea do que propriamente com a finalidade de explicá-la.

Embora Polanyi enfatize o papel da sociedade na formação da economia, há no pensamento daqueles que compartilham do ideário de “Sistema de Negócios”, por exemplo, a figura da empresa sendo a responsável por tal formação. Gertler (2001, pg. 20), menciona que se aceitarmos a ideia de Polanyi de que: *“o mercado é socialmente construído e governado - e não uma forma "natural", dada, inevitável - então faz todo o sentido que as firmas em economias de mercado também devam ser "construídas" até certo ponto, pelo seu ambiente social institucional”*.

Esta convicção se afasta do conceito mais estrutural de Polanyi e inclina-se na direção de outra abordagem que teve grande influência na pesquisa sobre *“embeddedness”*: a abordagem de Mark Granovetter sobre a ação econômica e a estrutura social (HESS, 2004).

Uma das principais preocupações de Granovetter seria a de evitar visões não socializadas da ação econômica, como na economia neoclássica, e visões excessivamente socializadas, oriundas da sociologia⁶. Granovetter, a exemplo de outros autores, rejeita o argumento de Polanyi, no que se refere à distinção entre economias de mercado enraizadas (antigas) e economias de mercado modernas e (*des*) enraizadas.

Segundo Williamson (2005, pg. 05) citado por Vasconcellos (2006, pg. 78): *“Granovetter defendendo a proposta de que o comportamento e as instituições econômicas são afetados por relações sociais, lança a proposição do enraizamento (embeddedness)”*. Nesse sentido, Vasconcellos (2006, pg. 81), ressalta que: *“O comportamento econômico e as transações econômicas constituem o foco principal de interesse e o autor vai desenvolver seu argumento contrapondo-o, a título de exemplo, aos pressupostos existentes na teoria dos custos de transação, de Williamson (1975; 1992; 1994; 1996; 2005)”*. Nesse contexto, o autor entende que são as relações sociais que de fato promoverão as transações econômicas, e não, as reduções de custos de transações.

Ao estabelecer uma sucinta distribuição das proposições estabelecidas por Granovetter sobre o *“embeddedness”*, Vasconcellos (2006, p. 83), contribuiu à interpretação do respectivo conceito afirmando que:

- i) tal conceito trouxe uma grande inovação para a análise das instituições e das transações econômicas, projetando luz sobre interfaces e interações entre as dimensões econômicas e relações sociais;
- ii) mostrou que, dentro de um dado escopo de possibilidades técnicas e econômicas possíveis, prevalecerão àquelas determinadas pela natureza das relações sociais aí existentes;
- iii) salientou que não existe “relação mercantil” pura. Relações mercantis encontram-se enraizadas em relações sociais e é impossível avaliá-las de maneira segmentada ou independente;
- iv) na essência do argumento do *embeddedness*, existe uma preocupação com a densidade (frequência da interação) das relações sociais, já manifestada com seu argumento sobre a “força dos laços fracos” e a possibilidade de estabelecimento de pontes entre atores e grupos sociais ou redes distintos;

v) a noção de que atores dotados de redes extensas, capazes de conectar um número maior de diferentes “campos institucionais” e grupos sociais (redes) distintas, gozarão de vantagens diferenciadas;

vi) a concepção de Granovetter, embora fundamental, é um tanto vaga. Mesmo suas tentativas mais recentes (2001 e 2005) não parecem ter sido suficientes, no sentido de dotá-la de maior precisão. A discussão, por exemplo, sobre “quem” encontra-se *embedded*, “em quê” é deixada em aberto. Pode-se daí depreender que o sujeito de interesse pode ser tanto um indivíduo, como uma organização, uma rede organizacional ou uma comunidade. Seu caráter, ao mesmo tempo provocativo e vago, vem gerando muito desdobramento distinto seja nas abordagens sociológicas, antropológicas ou econômicas.

Revedo os trabalhos de Polanyi e Granovetter e entendendo as origens do conceito de “*embeddedness*”, percebe-se facilmente que o “enraizamento” tem papel importante perante as atividades econômicas, seja em sociedades primitivas, seja nas economias de mercado modernas. Assim, não é apenas o mecanismo de preços que molda a natureza da troca econômica, mas a interação social de atores individuais e coletivos (Wilkinson, 1997).

A literatura consagrada tratou de explicar como os dois autores inovaram a análise das instituições e das transações econômicas. Este subitem, por sua vez, destacou algumas das principais contribuições de cada autor sob o conceito de “*embeddedness*”. O próximo passo é dimensionar a importância desse conceito à geografia econômica.

3. *Embeddedness* e sua Amplitude

O próprio Granovetter ao reformular o conceito de “*embeddedness*”, concluiu que seria possível abrir espaço para que o respectivo conceito fosse amplamente utilizado nas mais variadas formas e contextos. Onias (1997, pg. 27- 30), menciona que:

The idea of embeddedness is an attempt to better understand those aspects in firms' external relations that cannot be captured by traditional concepts. They tend to be the "soft" items that escape direct measurement. They are difficult to grasp even in qualitative analysis because they are often "taken for granted" by actors and, thus, tend to feature only indirectly in actors' own account. Nevertheless, they may affect the competitiveness of firms and the development of regions. In particular, it might be helpful in capturing those aspects of economic life that are not 'purely economic', and that are not considered by traditional theories and conceptualisations.

Ao buscar compreender a proposta conceitual de Granovetter, vários autores buscaram reformulações ou aplicações, usando “*embeddedness*” em diversos estudos, incluindo, como já mencionado, aqueles atrelados a *geografia econômica*⁷.

É importante ressaltar que o conceito de “*embeddedness*” na atividade econômica, propõe que as organizações formais, empresas, desenvolvam ações “*num determinado contexto social, institucional e espacial*” (VALE, 2000, pg.81). Assim, as dimensões territorial e espacial são importantíssimas para compreender o avanço da atividade econômica. Martin (1994), citado por Hess (2004), por exemplo,

entende que, além de ser uma questão de relações sociais, a ação econômica e, portanto, a *imersão*, é inerentemente espacial.

Segundo Coulert e Pecqueur (1994, pg.470), citados por Schneider (2009, pg. 19), entendem que:

o território se tornou uma variável crucial para explicar as dinâmicas econômicas relativas a diferentes espaços. As condições históricas e culturais e as características socioeconômicas das diversas regiões jogam um papel importante, sua diversidade explica em grande parte as diferenças de trajetórias de desenvolvimento ordenadas segundo circunstâncias históricas e geográficas.

Ainda segundo Schneider (2009, pg. 20):

o espaço deixa de ser um simples suporte para se tornar território, que é o ponto de reencontro dos atores do desenvolvimento, o lugar onde se organizam formas de cooperação entre empresas, onde se gerencia a divisão social do trabalho, enfim, o lugar de reencontro entre as formas de mercado e as formas de regulação social. O território torna-se um componente permanente do desenvolvimento.

As relações sociais são formadas a partir de instituições formais e informais⁸ numa estrutura *espacial* ativa que é, simultaneamente, causa e consequência do processo enraizamento da ação econômica. Vale (2000, Pg. 81-82) acredita também que: “*no âmbito das instituições formais, as relações interfirmas decorrem num determinado quadro social territorializado, capaz de potenciar – mas também de inibir – a eficiência do tecido produtivo. Acredita-se, deste modo, que a identidade territorial está na base – e também é consequência – da imbricação da ação econômica*”. Para Vasconcellos (2006), o território é tanto um lócus para o exercício da cooperação como também para a competição, o acirramento das disputas individuais e o surgimento de facções. O autor também ressalta que, (pg. 82), as dimensões supracitadas e suas relações com a atividade econômica, podem ser observadas da seguinte forma⁹:

Na dimensão espacial, tal conceito tem sido utilizado para explicar a evolução e o sucesso econômico alcançado por certas regiões e aglomerações produtivas, baseadas em especificidades de sistemas econômicos, sociais e políticos presentes no local e, eventualmente, em sintonia com outras abordagens, tais como a teoria dos custos de transação ou economias de aglomeração ou, então, associado a algumas concepções derivadas da literatura sobre capital social.

Para Grabher (1993); (Pike, Lagendijk, 2000), citados por Vale (2000, pg. 62): “*a imbricação caracteriza-se por (re) fluxos entre capital e trabalho, estado e instituições ou mesmo entre divisões étnicas e de gênero que, se inscrevem num quadro territorial bem delimitado. Em termos práticos, a investigação realizada em geografia econômica segundo esta perspectiva reporta-se ao estudo da forma e do modo de ancoragem da empresa ou de uma indústria (subject) à região (object)*”.

No âmbito da geografia econômica a relação entre a dimensão territorial e a espacial e o conceito de “*embeddedness*” é discutida desde os anos de 1990. Um trabalho importante, nesse sentido, foi o de Dicken e Thrift (1992). Nele, os autores (pg. 287), citados por Hess (2004, pg. 173), elucidam que: “*as organizações empresariais são produzidas por meio de um processo histórico de incorporação que envolve uma interação entre as características cognitivas, culturais, sociais, políticas e econômicas*

específicas do "território de origem" de uma empresa, operações geograficamente dispersas e as pressões competitivas e tecnológicas que a afetam".

A amplitude descrita nas proposições de Dicken e Thrift (1992) acabou levando tanto Oinas (1997), quanto Vale (2006, pg. 85), a acreditarem que em relação ao trabalho de Dickens & Thrift (1992): *“a concepção espacial de embeddedness mantém, [...] o mesmo caráter vago da concepção original de Granovetter”*. No entanto, Vale (2006, pg. 86) não deixou de levar em consideração a observação atenta de Oinas (1997), ou seja: que, *“embora a ambiguidade esteja evidente no uso contemporâneo do termo, e a noção de embeddedness permaneça vaga, ela direciona nossa atenção para aspectos de relações de firmas e seu ambiente que não são muito bem compreendidos ou conceituados através de dados”*.

A abordagem espacial traz à tona a importância das relações baseadas em confiança. Nesse contexto a grande maioria da literatura sobre *embeddedness* enfatiza o papel central de relações pessoais concretas e redes de relações para gerar tal confiança. Os proponentes da literatura de *embeddedness* local concluíram que a proximidade espacial facilita as relações baseadas na confiança, uma vez que *“a construção de confiança é geralmente difícil de alcançar a longas distâncias devido à necessidade de interação face a face.”* (Staber, 1996).

Schneider (2009, pg. 17) enfatiza que:

Nos territórios, os atores aprendem a se conhecer por meio da interação, da proximidade e dos laços de confiança e reciprocidade, o que lhes permite estabelecer normas e convenções que são aceitas, legitimadas e seguidas por todos. O território passa a ser um espaço de interação, troca, colaboração, cooperação e competição. Mas nem por isto deixa de haver também controle e dominação, o que permite coibir desvios, prever e antecipar erros ou falhas e, com isto, reduzir a insegurança e o risco.

Pode-se assim dizer que: *“a região é agora contribuinte para a dinâmica do capitalismo moderno, não apenas um resultado”* (STORPER, 1997, pg. 44). Sobre o pensamento de Storper (1997), Schneider (2009) menciona que, tal ideia vem desconstruir *“as metanarrativas dos modelos de desenvolvimento fordistas e pós-fordistas e destaca a natureza pluralista, heterogênea e híbrida dos processos de mudança social e econômica”*. Para o autor (pg. 17-18), *“um dos elementos-chaves desta literatura e a ideia de que os processos de desenvolvimento que apresentam os melhores indicadores de desempenho são aqueles assentados em dinâmicas territoriais”*.

Por fim, Citado por Schneider (2009, pg. 21), Pecqueur (1992, pg. 84) enfatiza que:

Do ponto de vista material e produtivo os territórios tornam-se sistemas produtivos locais que territorializam o lugar em que transcorre uma pluralidade de formas de justificação da ação humana (reciprocidade, cooperação, concorrência, disputa). Neste sentido, os territórios não possuem apenas uma dimensão econômica e material, mas também cultural e cognitiva. Neste sentido, é um resultado, pois *“constituem-se em espaços particulares que permitem operar uma mediação entre o indivíduo e o exterior”*.

Diante do que já foi discutido, será complementar a análise de mais dois conceitos importantes: a) “Redes Sociais” e b) “Arranjos Empresariais”. Em relação ao primeiro conceito, Gonçalves e Junior (2010, pg. 24) entendem: “*um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos) e suas conexões*”. Para Emirbayer e Goodwin (1994) e Wasserman e Faust (1994), Gonçalves e Junior (2010), as redes sociais são contatos que possibilitam o relacionamento entre vários e diferentes atores, cujos conteúdos e propriedades estruturais podem ser diversificados. Tal conceito é justificado ao se admitir que as redes sociais sejam um conjunto de pessoas, ou organizações, ou ainda, outras entidades sociais conectadas por relacionamentos sociais, motivados pela amizade e por relações de trabalho ou compartilhamento de informações e, por meio dessas ligações, vão construindo e reconstruindo a estrutura social. Através da figura 1, Gonçalves e Junior (2010, pg. 27), buscam mostrar que as relações mantidas entre os atores são de grande importância para cada um dos atores individualmente, e em alguns casos, para um conjunto significativo de atores da rede.

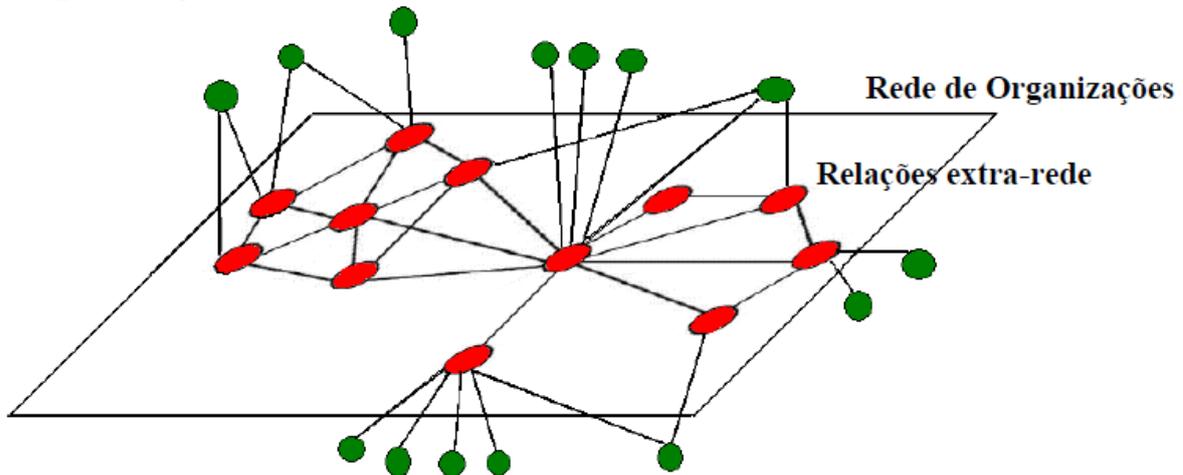
Reverendo a proposta estabelecida por Granovetter (1973), percebe-se que foram apresentados os conceitos de ligações fortes e ligações fracas. Segundo ele, os atores (pessoas) que têm relacionamentos mais distantes (ligações fracas), estão envolvidos em menor grau, enquanto que, com ligações fortes, definidas pelos atores (pessoas) mais próximas, há um maior envolvimento. Na visão de Gonçalves e Junior (2010), Granovetter salientou que: “*as ligações fracas são responsáveis pela baixa densidade em uma rede, ou seja, em que muitas das possibilidades de relacionamento estão ausentes, enquanto que conjuntos consistentes dos mesmos indivíduos e seus parceiros mais próximos estão densamente ligados, com muitas possibilidades de ligações estão presentes*”. Os respectivos autores (pg. 26) ressaltam que Granovetter (1973), ainda mencionaria que: “*os limites das redes são provocados pelas relações fracas, o que por sua vez permite conectar grupos até então sem conexões intrínsecas. A existência de laços fracos ainda seria primordial para que esses indivíduos atinjam mais pessoas sem que haja perda de confiança*”.

Os laços fracos geralmente se fazem presentes na veiculação de informações e na construção de coordenação política. Para Carrol e Fennema (2002), os laços fortes mostram-se muito importantes diante de fenômenos de coesão, comando e relações mais verticalizadas. No entanto, não são excludentes, podendo ser considerados inclusive na análise de uma mesma situação. As redes costumam, como qualquer estrutura, serem duradouras. Pois, embora estejam em contínua transformação, pela construção ou o rompimento de vínculos, a parcela em transformação tende a ser relativamente pequena comparada ao conjunto dos vínculos (GONÇALO; JUNIOR, 2010).

Sobre o segundo conceito, “Arranjos Empresariais”, salienta-se a existência de muitas dificuldades, tanto no que se refere ao conceito, quanto à caracterização dessas organizações, onde quase tudo é tratado como “*aglomerações produtivas*”. Em inúmeras vezes, os conceitos são entendidos como sinônimos, porém, definições mais detalhadas poderão ser capazes de identificar determinadas

características destas organizações industriais, o que por sua vez, permitirão entender seu sucesso competitivo.

Figura 1. Representação de uma rede e suas conexões extra rede.



Fonte: Gonçalves e Junior (2010).

Como descrever todos os conceitos disponibilizados na literatura especializada não faz parte dos objetivos desse trabalho, optou-se por adotar aquele sugerido por Gonçalves e Junior (2010), em que: “Arranjos de Empresas” seriam “entidades sócio territoriais que se caracterizam pela presença ativa de uma comunidade de pessoas ou conjunto de empresas que tenham sido historicamente determinadas, já que a história pressupõe a amarração social necessária à formação das relações. Observe-se que neste conceito não se faz referência a tamanho ou grau de formalização das relações”.

4. *Embeddedness* e a Sociologia dos Mercados na Produção de Maçã no Município de São Joaquim – SC

Em São Joaquim – SC um conjunto de empresas concentra-se geográfica e setorialmente. A integração vertical estabelecida não impediu que a produção de maçãs também pudesse ser realizada por um grande número de pequenos produtores, o que por sua vez, define as características fundamentais dos chamados: “arranjos empresariais”.

Estas organizações, regionalmente, foram estabelecidas por meio de processos históricos, incorporados através de características cognitivas, culturais, sociais, políticas e econômicas. O transporte de gado para o interior de São Paulo e Minas Gerais, comum nos anos de 1750, por exemplo, marcou o início da ocupação territorial por fazendeiros gaúchos; e a pecuária passaria ser a principal atividade econômica. Adiante, em 1956, a “Primeira Festa Municipal da Maçã” em São Joaquim se transformou em um movimento cultural que popularizou a cultura da macieira, impactando inclusive, sobre o *quantum* de vendas de maçã pelo país. A disseminação da cultura da maçã, favorecida pela crise na pecuária e pela

diminuição das reservas de araucárias nos anos 60, contou com a ação do poder público a partir do empenho por parte de seus gestores para o enfrentamento do desemprego e a consequente falta de renda; necessários a manutenção da atividade econômica e a sustentabilidade do município. Deu-se assim, início às mudanças nas políticas agrícolas em busca de outras fontes de recursos econômicos, a exemplo da fruticultura¹⁰.

Como instrumentos de mudança, foi aprovada a lei “nº 5.106/66” (Lei dos Incentivos Fiscais), importante ao desenvolvimento do cultivo de maçã, pois permitiu o abatimento de 50% do imposto de renda para aplicação de reflorestamento a partir de árvores frutíferas (PETRI et al., 2011) apud (BRIGHENTI, et.al. 2016). O ano de 1968 foi marcado pela participação da ação pública em um projeto que promoveria o cultivo de maçãs: o “Projeto de Fruticultura de Clima Temperado” (PROFIT), criado através da Lei nº 4.263 (PETRI et al., 2011), adotado em São Joaquim e amparado tecnicamente pela então criada “Associação de Crédito e Assistência Rural do Estado de Santa Catarina” (ACARESC). Nesse mesmo período firmou-se um acordo para amparo técnico a cultura de maçã em São Joaquim com o governo japonês, através da Agência de Cooperação Internacional (JICA).

Figura 2. Município de São Joaquim – SC



Fonte: SEBRAE (2010)

As redes sociais são contatos que possibilitam o relacionamento entre vários e diferentes atores, cujos conteúdos e propriedades estruturais podem ser diversificados. É nesse sentido que se chama atenção para o papel que as relações pessoais reservariam aos anos 70 a partir de um acontecimento culturalmente importante: a chegada de imigrantes japoneses à região. A esse respeito, Brighenti, *et.al.*(2016, pg. 96), lembram que:

Utilizando o argumento de que pedras podem ser removidas e o solo pode ser trabalhado, mas o clima nunca poderá ser alterado, o pesquisador Kenshi Ushirozawa convenceu os pioneiros Takeshi Hosoi, Takijiro Shimizu, Hiroyasu Hiragami, Fumio Hiragami, Tamitsu Nishimori, os agrônomos da Cooperativa Agrícola Central (CAC) a implantar o assentamento da colônia

japonesa em no município serrano com o objetivo de produzir maçãs. O cultivo da maçã se moderniza e as qualidades da maçã Gala e Fuji são consideradas as mais adequadas do que as de qualidade Red Delicious e Golden Delicious.

A partir das pesquisas de Ushirozawa na Estação Experimental de São Joaquim e do apoio de seus pares, decidiu-se pelo cultivo de duas qualidades de maçãs, adaptando-as aos pomares da região: Gala e Fuji. O cultivo da maçã começou a modernizar-se em particular, pela introdução de mudas importadas as quais resultaram no aumento da produtividade dos pomares. Aqui se percebe claramente, de que forma as redes sociais se estabeleceram através de um conjunto de pessoas, organizações, entidades sociais conectadas por relacionamentos pessoais e motivados pela amizade, por relações de trabalho ou compartilhamento de informações e que acabou por construir uma estrutura social.

A “*imbricação*” também é caracterizada por (re) fluxos entre capital e trabalho, inseridos em um espaço territorial bem delimitado. Com isso, a primeira festa nacional da maçã em 1978 coincidiu com a implantação da fruticultura através de uma produção racionalizada e mecanizada, o que possibilitou efeitos multiplicadores nos investimentos de vários setores e atraiu mão de obra qualificada e recursos para realização de novos projetos.

Com intuito de minimizar os efeitos de operações geograficamente dispersas, de pressões competitivas e tecnológicas, as quais afetam todo processo produtivo, foram criadas entre os anos 1980 e 2000, as cooperativas (arranjos empresariais) – importantes para o desenvolvimento do setor e região. É o caso da Cooperativa Agrícola de São Joaquim (Sanjo) e da Cooperativa Agrícola Frutas de Ouro. Ambas, iniciaram suas atividades com um grupo de fundadores de 34 fruticultores. Ao rever as palavras de Vasconcellos (2006), pode-se dizer que o respectivo território passou a ser tanto um lócus para o exercício da cooperação como também para a competição.

Os anos 2000 revelam um período de modernização e melhorias em termos de estrutura produtiva (armazenamento, classificação e embalagens). As melhorias, também, ocorrem nos pomares com o avanço nas técnicas de cultivo, a exemplo das coberturas de pomares, destinadas à proteção contra o granizo (MARQUIS, 2006). Com efeito, segundo EPAGRI (2017), as safras deste ano registraram números expressivos: “*foram relacionados 2.749 produtores de maçã regionalmente distribuídos, sendo 2.199 fruticultores localizam-se em São Joaquim*”. O volume de maçãs produzidos na região foi de aproximadamente 400 mil toneladas e a pomicultura foi responsável por aproximadamente 70% do PIB do município de São Joaquim (BRIGHENTI *et.al.* 2016).

Características peculiares à região, a forma de produção e a composição do produto devem ser notados. Conforme salienta Pereira *et al.* (2006, pg. 6): “*na região de São Joaquim, há o predomínio de pequenos agricultores que produzem maçã em propriedades diversificadas utilizando mão de obra familiar, embora a produção empresarial seja responsável pelo maior volume*”. Ainda segundo o autor (2006), São Joaquim, apresenta maior disponibilidade de terras para novos cultivos quando comprado a

Fraiburgo - SC, por exemplo. Também apresenta um clima mais frio e maior diferença de temperatura entre o dia e a noite. Estas características favorecem a cultura da maçã, proporcionando maior concentração de açúcares e frutas de coloração mais intensa; e a Fuji, “*por exigir mais frio, **conjuga maior produtividade e qualidade**, oriundos da região de São Joaquim e representando mais de 50% da produção*” (PEREIRA *et al.*, 2006, pg.7, **grifo meu**). Esta espécie de maçã, a Fuji, em virtude do seu aroma e sabor, ambos decorrentes das condições climáticas da região, conquistou a preferência dos consumidores, o que é confirmado pelos estudos anteriores de Marquis (2006); Brighenti *et al.* (2016).

O cenário acima descrito permite que a produção de maçã *Fuji* em São Joaquim-SC seja vista como uma importante atividade, cujos benefícios econômicos e sociais em nível local parecem evidentes. A região tornou-se contribuinte à dinâmica de mercado, onde os processos de desenvolvimento apresentam indicadores de desempenho assentados na dinâmica territorial. É importante que se reforce a importância de “*embeddedness*” presentes entre os contextos social e econômico, aqui estabelecidos.

Pode-se afirmar então, que a cadeia produtiva de maçã em São Joaquim – SC esta submersa no papel realizado pelas instituições, nos valores, nas características e sabores, intrínsecos ao produto regionalmente ofertado. Os aspectos institucionais passam a ser compreendidos e permitem a valorização das características sociais desse mercado.

5. Considerações Finais

Na esfera dos conceitos apresentados compreendeu-se que o “*embeddedness*” (*enraizamento*) tem papel importante perante as atividades econômicas. Além do mecanismo de preços, a interação social de atores individuais e coletivos é de fundamental importância para produzir a natureza da troca econômica.

As características de enraizamento na indústria da maçã em São Joaquim-SC permitiu explicar como aquele território desenvolveu-se a partir de uma atividade econômica cujos vínculos-sócio-culturais entre os participantes de toda a cadeia de produção são evidentes. Na perspectiva da geografia econômica, por exemplo, pode-se dizer que o respectivo território se tornou uma variável crucial para explicar as dinâmicas econômicas no espaço. As condições históricas e culturais e as características socioeconômicas da região explicam, em grande parte as diferenças sobre as trajetórias de desenvolvimento.

Entre o final o dos anos 50 e início dos anos 70 ocorreram profundas mudanças no ambiente territorial-espacial, oriundas da criação de uma rede de relacionamentos que permitiu disseminar um considerável grau de aprendizado em nível técnico, promovendo transformações nas atividades que antes envolviam poucos trabalhadores, e que, a partir de então, incorporou mão de obra mais qualificada, reestruturando a economia do município de São Joaquim.

A literatura especializada foi capaz de observar resultados em que os atores sociais, sediados neste município, trabalham com a ideia de que a maçã lá produzida – a Fuji – apresenta uma qualidade superior, principalmente, nos quesitos: formato, coloração e sabor. Lembrando que tais características foram conquistadas a partir de uma ação conjunta que engloba: o trabalho pioneiro dos primeiros cultivadores – pequenos fruticultores que repassavam o velho conhecimento entre os grupos já envolvidos na produção ou aos entrantes, da parcela de imigrantes que contribuiu com pesquisa e mão de obra para o alcance do conhecimento técnico incorporado, pela ação pública através das atitudes dos governantes locais que inseriram instituições aptas à pesquisa e a disseminação dos arranjos empresariais que promoveram um maior dinamismo da atividade econômica – produção e comércio. A respectiva ação conjunta ajudou também a disseminar a ideia de que a cidade de São Joaquim fica localizada numa região com condições climáticas propícias ao cultivo da espécie de maçã *Fuji*.

Em termos gerais, ao associar o conceito de “*embeddedness*” (*enraizamento*) a produção de maçã em São Joaquim, pode-se concluir que os vínculos-sócio-culturais estão delineados a partir das características do produto, da associação cognitiva do produto em relação à região (município), da relação muito forte entre cor, sabor e composição do produto e as sensações percebidas pelo consumidor.

Com base no processo de “*enraizamento*”, promoveu-se, em São Joaquim, um sistema de produção e comércio diferenciados, gerando práticas coletivas oriundas em toda cadeia produtiva – cultivo, produção, armazenamento, distribuição e consumo – consolidando assim, sua principal atividade econômica e construindo territorialmente esse município. Pode-se dizer que a valorização das características sociais desse mercado mostra sinais de *enraizamento* a partir da ação das instituições, dos valores e das características intrínsecos ao produto regionalmente ofertado e ação dos atores envolvidos.

6. Referências

BARBER, Bernard. All economies are 'embedded': the career of a concept, and beyond. *Social Research*, v.62, n. 2, p. 387-413, mai./ago.1995.

BRIGHENTI, Alberto; VIEIRA, Hamilton Justino ; PASA, Mateus; CIOTTA, Marlise Nara. A maçã da região de São Joaquim e sua perspectiva histórica, a construção de uma reputação e de uma marca de qualidade. In: V - WORKSHOP CATARINENSE DE INDICAÇÃO GEOGRÁFICA, 5, 2016, Joinville – SC. *Anais...Joinville: UNIVILLE*, 2016.

CARROLL, Willian. & FENEMA, Meindert. Is there a transnational business community? *International Sociology*, v.17, n.3, p.393-419, jun./set. 2002.

DICKENS, Peter; THRIFT, Nigel. The organization of production and the production of organization: why business enterprise matter in the study of geographical industrialization. *Institute of British Geographers*, v. 17, n.3, p. 279-291, nov./fev.1992.

EMPRESA DE PESQUISA AGROPECUARIA E EXTENSÃO RURAL. Fruticultura em números. Santa Catarina: EPAGRI, 2017. 116p.

FLECK, Amaro. Revisitar Polanyi? Notas sobre uma tentativa de atualização crítica. Natal: Revista de Filosofia, v..21, n.36, p. 295-316, jul./dez. 2014.

GERTLER, Mark. The invention of regional culture. In: Geographies of Economies. London: Arnold, p. 47-58, 1997.

GRANOVETTER, Mark. The strength of weak ties. University of Chicago Press: The American Journal of Sociology, Vol. 78, n. 6, p. 1360-1380, mai./jun. 1973.

_____. Problems of explanation in economic sociology. In: .Networks and organizations: structure, form, and action. Cambridge, MA: Harvard Business School Press, p. 25–56, 1992.

HESS, Martin. Spacial relationship? Towards a reconceptualization of embeddedness. Germany: Institute of Economic Geography, University of Munich Germany, v.28, n.2, p. 165-186, 2004.

LAÉRCIO, Barbosa Pereira.; SIMIONI, Flávio José; S.; CARIO, Sílvio Antônio Ferraz. Evolução da produção de maçã em Santa Catarina: novas estratégias em busca da competitividade. In: Fortaleza: XLIV CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA RURAL, 2006, Fortaleza. *Anais...* fortaleza: SOBER, p.1-21

MACHADO, Nuno Miguel Cardoso. Karl Polanyi e a nova sociologia econômica: notas sobre o conceito de (dis) embeddedness. Lisboa: Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 90, p.71-94, 2010.

MARQUIS, Sean. La pomme de São Joaquim, vers une construction collective d'un signe de qualité? 2006. 125 p. Dissertação (Master en Agronomie) – Centre National d'Études Agronomiques des Régions Chaudes (CNEARC), Montpellier.

OINAS, Päivi. On the socio-spatial embeddedness of business firms. *Erdkunde*, v.51, n.1, p. 23-32, jan./mar.1997.

LAGENDIJK, Arnoud.; VALE, Mário. Critical reflections on 'embeddedness' in economic geography: the case of labour market governance and training in the automotive industry in the north-east London: The Stationery Office, p. 59-82, jan./mar. 2000.

PETRI, José Luiz.; LEITE, Gabriel Berenhauer; COUTO, Marcelo.; FRANCESCATTO, Polliana. Avanços na cultura da macieira no Brasil. *Revista Brasileira de Fruticultura* [on-line], vol.33, n.1, p.48-56, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-29452011000500007&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 8 jul. 2018.

POLANYI, Karl. A grande Transformação: as origens de nossa época. 2ª ed. São Paulo: Editora Campus, 2000.

SCHNEIDER, S. Território, Ruralidade e Desenvolvimento. In: VELÁSQUEZ L.F.; MEDINA, J GUILLERMO F (Editores). (Org.). *Las Configuraciones de los Territorios Rurales en el Siglo XXI*. 1 ed. Bogotá/Colombia: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2009, v. 1, p. 67-108.

SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS – SEBRAE-SC. Disponível em: < <http://www.sebrae-sc.com.br/scemnumero/arquivo/Sao-Joaquim.pdf>. > Acesso em: 03 de junho de 2018.

STABER, Udo. The social embeddedness of industrial district networks. Berlin: De Gruyter, pg.148-74, 1996.

SPERANDIO, Priscila C. de Abreu. Relação entre a oferta e a utilização muscular periférica de oxigênio na transição do exercício leve para o intenso em pacientes com insuficiência cardíaca. 2010. 80 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo.

VALE, Marcelo. Uma análise do *cluster* automóvel em Portugal. Lisboa: Universidade de Lisboa, Finisterra, XXXV, .70, p. 57-86, 2000.

VASCONCELLOS, G.M.V. Laços como ativos territoriais: análise das aglomerações produtivas na perspectiva do capital social. 2006. . Tese (Doutorado em Administração). Universidade Federal de Lavras, Lavras-MG.

WILKINSON, J. A new paradigm for economic analysis? *Economy & Society*, v.26, n.3, 1997, p.305-339.

Notas

¹ Doutorando em Desenvolvimento Econômico pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Paraná - PPGDE/UFPR.

² Segundo Hess (2004, pg.167): “These terminologies need to be unravelled if we want to get a clearer picture of the different concepts' common ground and substantive meanings”.

³ Levando-se em consideração as diferenças nas concepções teóricas estabelecidas pelos dois autores

⁴ Aliás, no que se refere ao conceito de “embeddedness” (imersão, enraizamento, incrustação) essa é uma das raras vezes que o Polanyi menciona o respectivo conceito. Como salienta Machado (2010, pg.73): “de fato, como é queixa comum em vários autores, o conceito de incrustação só é utilizado em “A grande transformação” em duas ocasiões. Todavia, o leitor munido da perspectiva adequada, ou seja, após a análise e estudo do pensamento polanyiano como um todo, conseguirá captar aí o sentido do conceito em toda a sua plenitude”.

⁵ Grande parte da obra de Polanyi trata de uma crítica dos economistas neoclássicos e de suas falácias economicistas, que consistem, sobretudo, em naturalizar o mercado, projetando as relações sociais mais modernas sobre o passado remoto (como faz, por exemplo, Adam Smith ao falar de uma propensão natural ao intercâmbio e à barganha; mas também toda a economia neoclássica ao adotar o modelo do homo economicus). (POLANYI, 2012, p. 47-61) apud (FLECK, 2014, pg. 06).

⁶ Apesar da preocupação de Granovetter, Pike et.al. (2000, pg. 06), entende que: as result of imprecision and lack of conceptual clarity, the use of ‘embeddedness’ in economic geography has arguably been guilty of the same problem of the atomisation of economic actors and the denial of the ongoing influence of social relations identified in the original analysis of ‘undersocialisation’ in economics and ‘over-socialisation’ in sociology.

⁷ A geografia econômica é o estudo da localização, distribuição e organização espacial das atividades econômicas na Terra, e está focada na: localização de indústrias e atividades comerciais no atacado e varejo; em rotas comerciais e de transporte; e nas mudanças de valor do mercado imobiliário. Podem abranger análises atreladas a transporte, agricultura, localização industrial, comércio internacional, e a organização espacial e funções das atividades de negociação.

⁸ a) Por instituições formais entende-se: organizações, sistemas político-administrativos, etc.; b) Por instituições informais entende-se: tradições, costumes, cultura, emoções, etc. (VALE, 2000, pg.62).

⁹ Ainda que se leve em consideração a contraposição por Granovetter aos pressupostos existentes na teoria dos custos de transação, de Williamson (1975; 1992; 1994; 1996; 2005).

¹⁰ Além de permitir que a implantação de macieiras fosse disseminada pelos Estados do Sul do Brasil.